



## LUTO E RITUAIS SIMBÓLICOS NA PANDEMIA DE COVID-19

**Gabriela Oliveira Lourenço**

Brasil – São Paulo – Ourinhos - Centro Universitário das Faculdades Integradas de Ourinhos

**Eduardo Toshio Kobori**

Brasil – São Paulo – Ourinhos - Centro Universitário das Faculdades Integradas de Ourinhos

Recebido em: 02/07/24

Aceito em: 04/03/26

### RESUMO

Este artigo propõe-se a discutir como o processo do luto pode ser impactado pela ausência das ritualizações, tendo por objetivo apontar como o período da pandemia da sars-cov-2 (covid-19), que desencadeou mortes repentinas e sequenciais em um contexto conturbado, pode reverberar em sofrimento psíquico e quadros patológicos. Sob o referencial teórico psicanalítico, por meio da revisão de literatura correlacionado ao período destacado, a descrição inicial do processo do luto, bem como a distinção entre luto legítimo e o patológico, ampliaram o escopo teórico para a fundamentação destinada aos rituais de despedida instituídos na cultura. Entre as principais contribuições, ressalta-se que os rituais são estruturantes ao promoverem organização psíquica, instaurando a fase inicial do luto. No entanto o luto se relaciona com diversas causas inconscientes ao sujeito, desde experiências de lutos anteriores, eventos traumáticos reavivados, os quais se sobrepõem a vivências atuais, gerando sentimentos de desamparo, culpa, negação e afetos de angústia. Constatou-se que por meio da palavra os conteúdos não elaborados, podem ser acessados e promoverem sentido ao inomináveis, produzindo novos significados às perdas, bem como ressignificações com as vivências.

**Palavras-chave:** luto; luto patológico; rituais; rituais simbólicos; covid-19

### ABSTRACT

This article sets out to discuss how the absence of ritualizations can impact the mourning process, to point out how the period of the sars-cov-2 (covid-19) pandemic, which triggered sudden and sequential deaths in a troubled context, can reverberate in psychic suffering and pathological conditions. Under the psychoanalytic theoretical framework, through the literature review correlated to the period highlighted, the initial description of the mourning process and the distinction between legitimate and pathological mourning broadened the theoretical scope to the foundation for the farewell rituals instituted in culture. Among the

main contributions, it should be noted that rituals are structured by promoting psychic organization and establishing the initial phase of mourning. However, mourning is related to various causes that are unconscious to the subject, from previous bereavement experiences to re-lived traumatic events, which overlap with current experiences, generating feelings of helplessness, guilt, denial, and feelings of anguish. It was found that through words, unelaborated contents can be accessed and make sense of the unmentionable, producing new meanings to losses, as well as re-signifying experiences.

**Keywords:** Mourning; Pathological grief; Rituals; Symbolic rituals; COVID-19

## INTRODUÇÃO

Em 30 de janeiro de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) classificou o SARS-CoV-2 (*Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus 2*), agente etiológico da COVID-19, como Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII). A rápida propagação do vírus, que provoca febre, tosse seca, cansaço intenso, diminuição ou ausência do olfato e do paladar e, nos quadros mais graves, comprometimento da respiração, afóra à ausência de recursos eficazes para combatê-lo, levou a OMS, em 11 de março de 2020, a reclassificar o surto como pandemia (Organização Pan-Americana da Saúde – OPAS, 2023). Diante desse contexto, a sociedade global foi confrontada com uma situação incomum, cuja magnitude provocou profundas alterações nas dinâmicas intra e interpessoais. Logo, o expressivo aumento do número de casos culminou em uma crise sanitária, evidenciada pela sobrecarga dos sistemas de saúde e pelo esgotamento da capacidade hospitalar, especialmente nas Unidades de Terapia Intensiva (UTI), fatores que intensificaram a vulnerabilidade coletiva perante o novo agente patogênico. Simultaneamente, a procura por serviços funerários e a necessidade de ampliação de espaços para sepultamentos excederam rapidamente a infraestrutura disponível, revelando a dimensão do impacto social e sanitário (Crepaldi *et al.* 2020).

Diante da alta transmissibilidade do vírus, aliada à ausência inicial de tratamentos efetivos, como vacinas e medicamentos, surgiu a necessidade de adoção de medidas restritivas impostas pelo poder público para conter o avanço da doença e seus efeitos, como o isolamento social repentino, mantido como forma de proteção coletiva até que estratégias de controle mais seguras fossem implementadas. Embora as ações restritivas tenham sido

fundamentais do ponto de vista sanitário, impactaram profundamente as rotinas sociais e culturais, alterando ou até mesmo suspendendo rituais tradicionais de despedida, culturalmente consolidados na sociedade, conforme evidenciam (Crepaldi et al., 2020; Giamattey et al., 2022; Estrela et al., 2021).

Essas transformações, impostas pelo contexto pandêmico, repercutiram diretamente nos processos de elaboração das perdas reais ou simbólicas, associadas a entes queridos ou a dinâmicas socioeconômicas, como trabalho, lazer, educação, religiosidade e bem-estar físico e mental. Frente a transformações de naturezas distintas, o tempo subjetivo exigido para a elaboração do luto também ganhou outras dimensões. De acordo com Freud (1917/2010b), as experiências de perda exigem um tempo processual de desligamento do objeto perdido, sustentado pela aceitação da realidade, condição que possibilita o redirecionamento do investimento libidinal para novos objetos. Esse tempo se confronta com vivências repentinas de perdas, corpos envolvidos em plástico, caixões lacrados antes de serem levados ao cemitério, tempo limitado de exposição do corpo ou abolição total de velórios. As perdas, quando atravessadas por sentimentos persistentes de medo do contágio, instabilidade social e incerteza quanto à duração da pandemia, tendem a intensificar o sofrimento psíquico. Conseqüentemente, o cenário pode ter favorecido o surgimento ou a intensificação de manifestações psicopatológicas, como estados depressivos, ansiedade, estresse, irritabilidade e lutos patológicos (Peres, 2021). Ademais, as lacunas decorrentes desse evento de enormes proporções repercutiram nos serviços de saúde mental, nos quais a prevalência global de ansiedade e depressão aumentou em 25%, afetando os atendimentos psicológicos e neurológicos, bem como ocasionando interrupções no uso de psicofármacos, o que pode ter comprometido as estratégias de prevenção do suicídio (Organização Pan-Americana da Saúde – OPAS, 2022).

Organizado em três momentos analíticos, este artigo se propõe a discutir, em um primeiro eixo, a fundamentação conceitual do luto, compreendido não apenas como reação à perda, mas como uma relação atravessada por distintos fatores, em distinção à melancolia, destacando as transformações do Eu e os processos de identificação decorrentes da perda do objeto. Em seguida, o estudo se volta ao contexto da pandemia da COVID-19, examinando a supressão dos rituais de despedida e suas possíveis reverberações nas formas de vivenciar a

dor, a perda e a separação. Por fim, a análise alcança a problematização do jogo das forças pulsionais diante da perda, rastreando de que modo a ausência de simbolização, materializada na interrupção dos rituais de luto, pode intensificar o trabalho de morte no psiquismo, confrontando o sujeito com um vazio não simbolizado, sem deixar de aludir ao manejo clínico em situações de vulnerabilidade coletiva.

Diante do recorte temporal entre 2019 e 2022, interpela-se, enquanto hipótese, se a ausência dos rituais de despedida acarretou desdobramentos decorrentes da lacuna vivenciada na experiência do luto, facilitando manifestações patológicas como a melancolia ou depressão. Nesse quesito, como a psicologia, fundamentada em um olhar ético e científico, pode traçar cuidados específicos para a população enlutada, sobretudo quando privada dos marcos coletivos que auxiliam no processo de elaboração do luto? O acompanhamento profissional torna-se fundamental para o acolhimento e para elaboração de estratégias de enfrentamento que respeitem o tempo singular e que tenham sentido genuíno. Tenciona-se, com o delineamento, promover o diálogo acadêmico sobre aspectos da vida cotidiana que redefiniram as formas de relação com as perdas vivenciadas de maneira incomum durante o período pandêmico.

Este estudo não esgota o tema, mas abre possibilidades para aprofundamento sobre as reverberações da pandemia da COVID-19 nos anos subsequentes. Além disso, suscita um alerta sobre a importância de fortalecimento das redes de cuidado em saúde mental e de ações integradas para atenuar os efeitos prolongados do sofrimento psíquico desencadeado, seja em pandemias ou eventos como desastres ambientais, precipitações intensas, ondas de calor extremo, tragédia com grandes números de mortos causadas por negligência e processos de deslocamento forçado, os quais podem desencadear vivências de luto tanto no âmbito coletivo quanto individual (Schmidt et al., 2020).

## **METODOLOGIA**

A abordagem metodológica, de cunho qualitativo, orientou-se pelos parâmetros da revisão narrativa de literatura técnico-científica. Conforme Hohendorff (2014), esse método viabiliza a compreensão do fenômeno estudado por meio da análise, organização e integração

crítica de produções científicas, voltando-se, nesta pesquisa, ao luto patológico e aos processos psíquicos por ele envolvidos. De tal forma, a presente análise ampara-se no referencial teórico da psicanálise, sobretudo nas obras *Luto e Melancolia* (1917/2010b) e *Além do princípio do prazer* (1920/2010c), com a finalidade de sustentar a análise do cenário pandêmico e as possíveis reverberações no processo de elaboração do luto, bem como explorar a dinâmica das forças pulsionais, tendo em vista os desafios subjetivos impostos pela experiência da perda. Além de livros e capítulos de livros, foram consideradas para essa revisão as buscas de artigos completos em português nas plataformas eletrônicas *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e Biblioteca Virtual em Saúde – Psicologia (BVS-PSI), utilizando como descritores: COVID-19, luto e depressão. Estabeleceu-se a restrição temporal de artigos científicos entre 2019 e 2025, todavia, sem restrições quanto à avaliação da qualidade metodológica.

Na qualidade de método interpretativo e investigativo, a psicanálise possibilita ultrapassar a linearidade dos fenômenos observáveis, voltando-se às camadas mais profundas do psiquismo e aos sentidos latentes que atravessam tanto os sujeitos quanto o tecido social. Desde a abordagem inaugurada por Freud em *A interpretação dos sonhos*, conforme a análise de Kabori (2025), o método psicanalítico fundamenta-se na atenção flutuante e na associação livre, visando a produção de significados a partir de elementos simbólicos. Ao transpor esses princípios para o campo da revisão bibliográfica, torna-se possível analisar os textos de forma singular e não linear, favorecendo a construção de articulações conceituais que clarifiquem o fenômeno investigado. Nesse sentido, o recorte adotado — simultaneamente temporal e conceitual — ancora-se na compreensão dos mecanismos envolvidos na elaboração da perda objetual, nos afetos de angústia e nas tensões pulsionais mobilizadas diante da impossibilidade de despedida. Tais tensões manifestam-se nos planos intrapsíquico e intersubjetivo, participando da organização dos modos de subjetivação contemporâneos.

### **Diferenciação entre luto e melancolia: aspectos psíquicos e processos de elaboração**

Antes de avançar na análise central desta investigação, é fundamental delinear os principais aspectos que caracterizam o luto, destacando sua relação direta com o objeto

perdido. Essa perspectiva fundamenta a compreensão fenomenológica dos rituais de despedida, a ser discorrida em um segundo momento, uma vez que é após ritos como funerais, enterros ou cremações que lembranças e emoções emergem, conferindo concretude ao enfrentamento da realidade. Diante disso, recorre-se à diferenciação entre luto e melancolia apresentada por Sigmund Freud, a fim de identificar o momento em que o luto ultrapassa a esfera de uma resposta esperada à perda e assume um caráter patológico.

O luto, enquanto processo psicológico complexo que envolve nuances tanto inconscientes quanto conscientes, é descrito por Freud no artigo *A transitoriedade* (1916/2010a), que antecedeu *Luto e Melancolia* (1917/2010b), como um estado temporário e transformador. Diante de suas particularidades, o enlutado, frequentemente tomado por um cansaço extremo, encontra-se em constante embate psíquico diante da realidade dolorosa. Ao confrontar a perda, emerge o desejo de imortalidade em oposição à necessidade de vivenciar o sofrimento inerente ao processo estruturante de elaboração do luto. Em *Luto e Melancolia* (1917/2010b), Freud amplia tal perspectiva ao afirmar: “[...] o luto é a reação à perda de uma pessoa amada ou de uma abstração que ocupa seu lugar, como pátria, liberdade, um ideal” (Freud, 1917/2010b, p.172). Ou seja, o luto pode ser vivenciado em múltiplas situações, abrangendo não apenas a perda de entes queridos, mas também de ideais que impactam significativamente o sujeito. Até mesmo perdas anteriores podem influenciar e se sobrepor ao processo atual, criando o que Dunker (2023) define como um núcleo de relações. Além da reação esperada diante de uma perda, Freud (1917/2010b), caracteriza o luto, em termos tópicos, como um processo que envolve a consciência da perda, a retração do interesse pelo mundo externo e inibições transitórias, sem que haja, todavia, identificação com o objeto perdido ou rebaixamento da autoestima. O exame de realidade impõe ao Eu o reconhecimento de que o objeto não mais existe, processo a partir do qual, de forma progressiva, ocorre o desinvestimento da libido.

Tais asseverações acerca do luto permitem diferenciá-lo da melancolia por dois aspectos predominantes: nesta última, há a perda da autoestima e o empobrecimento do Eu. Como argumenta o autor, “*de resto tudo é igual*”. Sobre a melancolia, Freud a descreve, em termos nosológicos, da seguinte forma:

A melancolia se caracteriza, em termos psíquicos, por um abatimento doloroso, uma cessação do interesse pelo mundo exterior, perda da capacidade de amar, inibição de

toda atividade e diminuição da autoestima, que se expressa em recriminações e ofensas à própria pessoa e pode chegar a uma delirante expectativa de punição. Esse quadro se torna mais compreensível para nós se considerarmos que o luto exibe os mesmos traços, com exceção de um: nele a autoestima não é afetada (Freud, 1917/2010b, p. 172-173).

A análise freudiana evidencia a proximidade conceitual entre ambos os estados, justificando a recorrente confusão entre eles. Contudo, essa aproximação, *per se*, demanda um exame criterioso de suas naturezas distintas. Na melancolia, conforme supracitado, ocorre o empobrecimento do Eu; nesse estado, as inibições apresentam-se persistentes, acompanhadas de manifestações somáticas, sentimentos de culpa, negações e autocríticas severas — inexistentes no luto — que culminam em uma autoestima profundamente rebaixada. Nela, a perda opera de modo inconsciente: embora o sujeito reconheça a perda, não consegue apreender o que foi perdido nele com o objeto, uma vez que o objeto é introjetado no Eu. Tal movimento instaura um processo identificatório que pode conduzir à manutenção do quadro patológico ou maníaco. Do ponto de vista econômico, esse movimento encontra entraves, de modo que a libido, em vez de se deslocar para novos investimentos, recua sobre o próprio Eu, convertendo a perda do objeto em perda do Eu (Freud, 1917/2010b).

Ainda sobre o estágio patológico do luto, Kehl (2009) elucida que o sujeito experimenta, no luto esperado, constantes oscilações emocionais: ora sente certa leveza, ora retorna ao apego profundo ao ente querido ou objeto perdido. Vale ressaltar que tal apego não se refere apenas ao objeto em si, mas à posição libidinal que este ocupava no psiquismo do sujeito. Quando esse vínculo se torna prolongado e intenso, pode configurar-se um quadro patológico, marcado pela dificuldade de desligamento do objeto e pelo impedimento de o sujeito avançar no processo de elaboração. Nesse estado, a resistência está intimamente ligada a traços mnêmicos, ou seja, experiências carregadas de simbolismos e conteúdos inconscientes, frequentemente relacionados a situações de grande estresse, traumas ou eventos anteriores, que alimentam ruminações excessivas sobre sentimentos negativos, resultando em quadros ansiosos e depressivos persistentes (Alves et al., 2022). De tal forma, o apego se manifesta em três momentos principais: a) na resistência em liberar a energia libidinal do objeto perdido; b) na desorganização pulsional que afeta diretamente o corpo e a mente; e c) nas diversas formas de satisfação psíquica que buscam preencher o vazio da perda. Por vezes, a dificuldade de superação está atrelada à impossibilidade de abandonar o objeto perdido,

especialmente quando este já havia, simbolicamente, abandonado o sujeito anteriormente. Outrossim, sentimentos de culpa podem emergir de modo inconsciente, tornando ainda mais difícil o desligamento e a elaboração da perda (Kehl, 2009). Transpondo essa lógica ao contexto analisado, quando o sujeito é impedido de acompanhar o adoecimento ou de testemunhar a morte, o objeto permanece investido libidinalmente, carecendo de uma inscrição simbólica clara da perda. A ausência de rituais e de despedidas obsta a operação psíquica necessária ao reconhecimento da finitude. Nessa conjuntura, a vivência de um abandono prévio, marcada pela impossibilidade da presença, do cuidado ou da despedida, intensifica a ambivalência afetiva própria do luto, favorecendo a emergência de culpas, muitas vezes, inconscientes. Tais afetos, associados à sensação de insuficiência no momento final, tornam ainda mais árduo o processo de desligamento e de elaboração da perda.

Dissemelhantemente, Dantas et al. (2020) ponderam que, nos dias atuais, o enfoque sobre o luto não está centrado apenas no rompimento do vínculo e no desapego, mas volta-se à busca de novos significados para a experiência da perda. Nesse sentido, a elaboração do luto passa a ocorrer por meio de processos suplementares de reestabelecimento do vínculo, como a identificação, que permite ao sujeito encontrar conforto ao assimilar aspectos do objeto perdido, sem que isso implique, necessariamente, conflito com o mundo externo. Outra via fundamental é a representação, que possibilita conferir sentido à ausência por intermédio de recordações e do uso de símbolos culturais. Tais caminhos, identificação e representação, não se excluem, mas se complementam, contribuindo tanto para a compreensão do processo de elaboração do luto quanto para o enfrentamento de sentimentos de culpa e apego.

Nessa perspectiva, o processo de luto é atravessado pela atuação do princípio de realidade, que, em consonância com Garcia-Roza (2009), opera como regulador psíquico. Este princípio impõe desvios, interrupções, substituições e, fundamentalmente, renúncia à satisfação imediata, diferenciando-se do princípio do prazer, cuja lógica visa à gratificação pulsional sem considerar as exigências do mundo externo. Assim, o princípio de realidade conduz o sujeito por caminhos menos diretos, retardando satisfações imediatas em prol da autopreservação do Eu. Essa dinâmica busca evitar frustrações intensas ou a predominância de processos mentais primitivos e regressivos, como alucinações, que poderiam ser acionados como tentativas de proteção frente à dor da perda. Ainda segundo o autor, enquanto os

processos primários, regidos pelo princípio do prazer, tendem à satisfação imediata desconsiderando a realidade externa, influenciando diretamente pensamentos e emoções do sujeito enlutado, os processos secundários, orientados pelo princípio de realidade, voltam-se à adaptação, atuando como mecanismos de proteção contra o aniquilamento subjetivo. Nesse contexto, os modos de subjetivação expressam a especificidade do desinvestimento afetivo e a possibilidade de reinvestimento em novos objetos, permitindo ao sujeito a construção de uma nova realidade psíquica.

Em vista disso, o reconhecimento da singularidade de cada sujeito diante da perda, considerando sua subjetividade, história de vida e contexto psicossocial, permite evitar a patologização da tristeza e respeitar o tempo não linear do luto. Tal postura converge com o pensamento de Freud: [...] “jamais nos ocorre ver o luto como um estado patológico e indicar tratamento médico para ele [...] Confiamos em que será superado após certo tempo.” (Freud, 1917/2010b, p. 128). Portanto, não se trata de impor classificações rígidas, normativas ou positivistas ao luto, mas de compreender e acolher a natureza singular de cada vivência, evitando padronizações no processo de ressignificação do sofrimento (Crepaldi et al., 2020).

### **Impactos das medidas restritivas da COVID-19 nos rituais de despedidas**

Diante do recorte temporal em tela, cabe questionar em que medida a ausência de rituais de despedida favoreceu a intensificação de quadros de luto complicado, em razão da lacuna simbólica instaurada na experiência de perda. Nesse cenário, a Psicologia, orientada por rigorosos fundamentos éticos e científicos, é convocada a delinear cuidados específicos à população enlutada, sobretudo quando esta se vê privada dos referenciais coletivos que, tradicionalmente, sustentam a elaboração do luto. O acompanhamento profissional torna-se, portanto, imprescindível tanto para o acolhimento quanto para a viabilização de estratégias de enfrentamento que respeitem a singularidade do tempo psíquico.

As medidas restritivas impostas durante a pandemia de COVID-19 acarretaram perdas concretas e simbólicas, impactando a vida cotidiana e limitando o direito de vivenciar e ritualizar a morte, o que privou os sujeitos de marcos culturais fundamentais à simbolização da ausência (Giamattey et al., 2022). Historicamente naturalizados, os rituais de despedida

expressam valores coletivos e instauram o reconhecimento social da perda, inserindo o enlutado em uma rede compartilhada de sentidos por meio de comunicações verbais, não verbais e diversos simbolismos. O ato de velar ou contemplar o corpo reafirma a materialidade da despedida e opera como mediador entre memória e ausência (Kovács, 1992; Poletto, 2021; Dantas et al., 2020; Cardoso, 2020). Quando tais práticas são inviabilizadas, podem-se intensificar estados de angústia e movimentos repetitivos, o que evidencia a função organizadora do ritual no psiquismo, em consonância com a compreensão freudiana de que a formalização ritualística atua como contenção do desamparo (Freud, 1907/2015).

Em vista disso, a alta transmissibilidade do vírus impôs restrições severas aos serviços funerários, tornando-os, em muitos contextos, impessoais. Esse cenário reduziu o espaço e o tempo destinados à despedida, o que dificultou o amparo emocional e constituiu um fator associado ao aumento de lutos complicados (Estrela, 2021). Dunker (2023) ressalta que a impossibilidade de realizar rituais pode gerar entraves significativos à elaboração, sobretudo quando perdas coletivas se sobrepõem e ultrapassam a memória individual, incidindo de modo amplo na economia psíquica.

Como efeito, Birman (2020) aponta que a impossibilidade de despedidas presenciais potencializou experiências traumáticas e o agravamento de quadros ansiosos e depressivos, evidenciando vulnerabilidades sociais pré-existentes. O impedimento de visualização do corpo e a circulação de narrativas sobre “corpos trocados” acentuaram a dificuldade de discriminar entre fantasia e realidade, tal como o recurso à negação como forma de defesa psíquica diante do sofrimento. Tais elementos sustentam oscilações entre o reconhecimento factual e aceitação psíquica da morte, resultando na intensificação da culpa e em entraves na elaboração do luto (Freud, 1925/2011; Monteiro, 2021).

Sob essa ótica, a finitude do corpo, enquanto limite incontornável, pode instaurar cisões entre as realidades psíquica e externa, mobilizando a angústia diante da morte (Botega, 2023). Em *Inibição, Sintoma e Angústia*, Freud (1926/2014) compreende atos repetitivos e sintomas persistentes como tentativas do psiquismo de atenuar o sofrimento, uma vez que “[...] a angústia é, de um lado, expectativa do trauma e, de outro, repetição atenuada do mesmo” (Freud, 1926/2014, p. 86). A repetição, nesse sentido, configura-se como um mecanismo defensivo frente à ameaça de desorganização do Eu, deslocando o sofrimento da

linguagem para o comportamento e operando como estratégia de autoconservação. Nesse ponto, quando o excesso de dor não encontra vias de simbolização, o acontecimento pode adquirir caráter opressivo, inscrevendo-se no campo do sem-sentido e exigindo um dispêndio energético significativo do aparelho psíquico (Freud, 1920/2010c). A compulsão à repetição articula tensão e satisfação paradoxal, orientando-se não exclusivamente pela pulsão de morte, mas também por tentativas de preservação da vida e restauração de estados psíquicos primitivos regidos pelo princípio do prazer (Freud, 1920/2010c).

Do ponto de vista pulsional, a pulsão de morte atua de modo silencioso, imprimindo tendências compulsivas diante das quais o Eu busca mediações defensivas. No contexto pandêmico, observaram-se vivências de fragmentação corporal, estados dissociativos e a intensificação de sintomas depressivos, bem como rituais obsessivos relacionados à limpeza, os quais podem ser compreendidos como tentativas simbólicas de afastamento da ameaça aniquilatória (Birman, 2020). A ampliação do desamparo e a impossibilidade de realizar os rituais fúnebres culturalmente instituídos reforçaram a dimensão simultaneamente coletiva e subjetiva do luto, conforme assinalam Birman (2020) e Dunker (2023).

As pulsões, originadas no corpo e atuantes de forma constante, articulam-se à compulsão à repetição como via de expressão de conteúdos recalçados. A pulsão de morte, por ser desprovida de um representante simbólico específico, manifesta-se por meio de atos reiterativos, sonhos e pensamentos recorrentes, funcionando como tentativa inconsciente de atribuição de sentido e de manejo do sofrimento psíquico (Freud, 2010c).

### **Manejo clínico em situações de vulnerabilidade coletiva**

É responsabilidade ética da Psicologia, em cenários de vulnerabilidade coletiva, priorizar o acolhimento e a escuta de sujeitos em sofrimento. Essa prática exige o reconhecimento dos impactos das perdas concretas e simbólicas, bem como a consideração de suas dimensões psíquicas e sociais para favorecer a elaboração do luto. A impossibilidade dos rituais tradicionais de despedida durante a pandemia demandou a criação de alternativas simbólicas. Entre os principais manejos interventivos, destacaram-se a psicoeducação, a difusão de informações confiáveis, a oferta de atendimento psicológico em múltiplos

formatos, o fortalecimento das redes de apoio, o combate ao estigma e o cuidado com a saúde mental dos profissionais da saúde. Estas ações foram viabilizadas por meio de cartilhas, atendimentos on-line, serviços 24 horas e estratégias de expressão emocional (Schmidt et al., 2020). Além dessas iniciativas, cabe ao Estado garantir a oferta de atendimento psicológico em serviços de saúde e instituições públicas de ensino; contudo, em muitos contextos, essa assistência se mostra inexistente ou insuficiente frente à alta demanda.

Ressalta-se a necessidade de intervenções mais incisivas e encaminhamentos especializados diante da gravidade de situações que envolvem sujeitos com familiares infectados, sob suspeita diagnóstica, em processo de luto ou em vivências de terminalidade, especialmente quando privados de rituais de despedida. Essas ações tornam-se possíveis a partir de um olhar clínico cuidadoso e integral sobre o sujeito, que considere suas dimensões psíquicas, sociais e simbólicas. A reabilitação e o aconselhamento psicológico direcionados às famílias têm como finalidade central favorecer o reconhecimento e a legitimação dos afetos, bem como trabalhar conflitos que emergem no presente. As intervenções priorizam o desenvolvimento de estratégias preventivas, buscando atenuar impactos psíquicos e emocionais decorrentes das experiências de perda. Concomitantemente, ao serem identificados sinais de maior gravidade ou sofrimento intenso, procede-se ao encaminhamento para outros profissionais de saúde, ampliando a rede de atenção psicossocial e assegurando um suporte integral às demandas apresentadas (Estrela et al., 2021).

Em vista da impossibilidade de despedidas presenciais, a Fiocruz (2020) propôs a realização de velórios virtuais, possibilitando que familiares e amigos prestassem homenagens à distância. A exposição de fotografias diante de caixões lacrados assumiu uma função simbólica de representação do ente perdido, enquanto grupos de oração on-line configuraram-se como alternativas de expressão coletiva do luto, evidenciando processos de adaptação ritual às exigências do contexto pandêmico.

Explorar de que modo os sujeitos enlutados estruturaram suas perdas, quais estratégias de acolhimento foram mobilizadas e como os atos cerimoniais favoreceram a elaboração do luto possibilita que a sociedade, diante de eventos de grande magnitude, desenvolva dispositivos coletivos de cuidado articulados à rede psicossocial. Sob o viés psicanalítico, tal perspectiva desloca o foco do que foi perdido para a possibilidade de simbolizar a ausência e

construir modos de existir com a falta, reconhecendo-a como dimensão constitutiva da experiência humana (Aguiar et al., 2025).

## CONCLUSÃO

Apesar do cenário desafiador, a pandemia revelou em que medida a partilha coletiva da dor e a existência de um espaço-tempo simbólico favorecem a ressignificação da experiência de perda em consonância com a singularidade do sujeito. O contexto clarificou, ainda, como eventos de grande magnitude demandam uma rede de atenção composta por distintos profissionais que acolham, orientem e, se necessário, intervenham a fim de facilitar a elaboração das perdas e auxiliar na construção de novas perspectivas. Realizar o diagnóstico diferencial entre luto esperado e o luto complicado, seja ele a melancolia ou a depressão, torna-se essencial para o manejo assertivo e possíveis encaminhamentos. Nesse ponto, a articulação entre o luto e as relações objetivas também esclarece o campo simbólico das ritualizações, evidenciando que tal processo, embora transitório, é custoso e pode se intensificar conforme as circunstâncias da morte. Isso ocorre sobretudo quando o processo é marcado por perdas repentinas, mortes sequenciais, impossibilidade de despedidas, reativação de traumas inconscientes e sentimentos de culpa, fatores que, no contexto pandêmico, potencializaram o sofrimento psíquico e riscos de lutos complicados.

O primeiro movimento de instauração da morte, anunciado pelo ato cerimonial, traduz aquilo que inicialmente pode não encontrar inscrição na palavra, ao permitir que o sujeito confronte o princípio do prazer em contraponto ao princípio da realidade. A ausência dessa realização simbólica, frequentemente viabilizada pelos rituais culturais, tende a dificultar o reconhecimento da perda e a organização psíquica inicial, ao passo que o compartilhamento social dos afetos demarca um luto coletivo que favorece a elaboração. A partir dessa instauração, podem emergir diferentes manifestações como negação, raiva, medo, desespero e melancolia, eventos não lineares, mas passíveis de avanços e retrocessos, os quais encontram, em seu próprio tempo, vias de transformação da dor em elemento integrante da história do sujeito, sem defini-lo por completo.

Conclui-se, portanto, que o luto se configura como um processo psíquico dinâmico de investimento e desinvestimento libidinal, atravessado por experiências de perda anteriores e por determinações simbólicas e culturais. Sua elaboração gradual possibilita a integração da ausência à economia psíquica, reduzindo o risco de fixações patológicas e favorecendo a continuidade de processos de subjetivação. Suscitar discussões no âmbito acadêmico, social ou entre profissionais de saúde sobre a conceituação do luto e a nosologia da melancolia, como proposto neste estudo, oferece subsídios teórico-clínicos e psicossociais para a compreensão e o manejo de vivências traumáticas coletivas em diversos contextos.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, A. M. *et al.* Medicalização do luto: limites e perspectivas no manejo do sofrimento durante a pandemia. **Cadernos de Saúde Pública** [online]. v. 37, n. 9. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00133221>. Acesso em: 12 abr. 2023.
- AGUIAR, S. T. DE *et al.* O terror da ruptura dos rituais fúnebres na pandemia de covid-19. **Analytica: Revista de Psicanálise**, v. 14, n. 27, 12 jun. 2025. Disponível em: [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S2316-51972025000100009&script=sci\\_arttext&lng=pt](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S2316-51972025000100009&script=sci_arttext&lng=pt). Acesso em 29 jan. 2026.
- BIRMAN, J. **O trauma na pandemia do Coronavírus: suas dimensões políticas, sociais, econômicas, ecológicas, culturais, éticas e científicas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020. E-book (Kindle).
- BOTEGA, N. J. **Crise suicida: avaliação e manejo**. Porto Alegre: Grupo A, 2023.
- CARDOSO, É. A. DE O. *et al.* The effect of suppressing funeral rituals during the COVID-19 pandemic on bereaved families. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 28, p. e3361, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1518-8345.4519.336>. Acesso em: 09 jun. 2023.
- CREPALDI, M. A. *et al.* Terminalidade, morte e luto na pandemia de COVID-19: demandas psicológicas emergentes e implicações práticas. **Estudos de Psicologia (Campinas)**. v. 37, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200090>. Acesso em 08 abr. 2023.
- DANTAS, C. de R. *et al.* O luto nos tempos da COVID-19: desafios do cuidado durante a pandemia. **Revista Latino-americana de Psicopatologia Fundamental**. v. 23, n. 3, p. 509-533, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2020v23n3p509.5>. Acesso em 08 abr. 2023.
- DUNKER, C. **Lutos finitos e infinitos**. São Paulo: Paidós, 2023.
- ESTRELA, F. M. *et al.* Enfrentamento do luto por perda familiar pela covid-19: estratégias de curto e longo prazo. **pers.bioét.** Chia, v. 25, n. 1. 2021. Disponível em: [http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0123-31222021000102513&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0123-31222021000102513&lng=en&nrm=iso). Acesso em 18 jun. 2023.
- FIOCRUZ. **Saúde mental e atenção psicossocial na pandemia de COVID-19: processo de luto no contexto da COVID-19**. Disponível em: <https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/wp-content/uploads/2020/04/Sa%C3%BAde-Mental-e-Aten%C3%A7%C3%A3o-Psicossocial-na-Pandemia-Covid-19-processo-de-luto-no-contexto-da-Covid-19.pdf>. Acesso em 21 ago. 2023.

FREUD, S. A transitoriedade. In: \_\_\_\_\_. **Obras completas, volume 12: Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010a.

FREUD, S. Luto e melancolia (1917 [1915]). In: \_\_\_\_\_. **Obras completas, volume 12: Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010b.

FREUD, S. Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920). In: \_\_\_\_\_. **Obras completas, volume 14: História de uma neurose infantil (“o homem dos lobos”)**. São Paulo: Companhia Das Letras, 2010c.

FREUD, S. A negação (1925). In: \_\_\_\_\_. **Obras completas, volume 16: o Eu e o id, “Autobiografia” e outros textos (1923-1925)**. São Paulo: Companhia Das Letras, 2011.

FREUD, S. Inibição, sintoma e angústia (1926). In: \_\_\_\_\_. **Obras completas, volume 17: Inibição, sintoma e angústia, o futuro de uma ilusão e outros textos (1926 -1929)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FREUD, S. Ato obsessivo e práticas religiosas (1907) In: \_\_\_\_\_. **Obras completas, volume 08: O delírio e os sonhos na gradiva, análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos (1906-1909)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

GARCIA-ROZA, L. A. **Freud e o inconsciente**. 24. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

GIAMATTEY, M. E. P. *et al.* Rituais fúnebres na pandemia de COVID-19 e luto: possíveis reverberações. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**. Rio de Janeiro-RJ, n. 26, esp., 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/zGDv9BZ6Lc44fxJFBBz8ktC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 04 abr. 2023.

HOHENDORFF, J. V. Como escrever um artigo de revisão de literatura. In: KOLLER, S. H.; COUTO, M. C. P.; HOHENDORFF, J. V. **Manual de Produção Científica**. Porto Alegre: Grupo A, 2014.

KEHL, M. R. **O tempo e o cão: a atualidade das depressões**. São Paulo: Boitempo, 2009.

KOBORI, E. T. **Psicanálise e literatura: o processo de recepção e de interpretação psicanalítica do texto literário**. Cachoeirinha: Fi, 2025.

KOVÁCS, M. J. **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

MONTEIRO, M. P. A ilusão de um futuro e o mal-estar na afecção. **Estudos de Psicanálise**. Rio de Janeiro-RJ, n. 55, p. 129-134, jul. 2021. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ep/n55/n55a13.pdf>. Acesso em: 04 abr. 2023.

ORGANIZAÇÃO PANAMERICANA DE SAÚDE - OPAS. **Histórico da pandemia de COVID-19**. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>. Acesso em 13 mai. 2023.

ORGANIZAÇÃO PANAMERICANA DE SAÚDE - OPAS. **Pandemia de COVID-19 desencadeia aumento de 25% na prevalência de ansiedade e depressão em todo o mundo**. 2022. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/2-3-2022-pandemia-covid-19-desencadeia-aumento-25-na-prevalencia-ansiedade-e-depressao-em>. Acesso em 14 mai. 2023.

PERES, R. S. *et al.* Evidências de validade de uma versão brasileira da Fear of COVID-19 Scale. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, n. 8, p. 3255–3264 ago. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232021268.06092021>. Acesso em: 18 jun. 2023.

POLETTTO, A. A. A. Quando um morre e o outro sobra em vida: reflexões sobre a morte em tempos de pandemia de covid-19. **Estudos de Psicanálise**. Rio de Janeiro, n. 55, p. 113-120, jul. 2021. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ep/n55/n55a11.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2022.

SCHMIDT, B. et al.. Saúde mental e intervenções psicológicas diante da pandemia do novo coronavírus (COVID-19). **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 37, p. e200063, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200063>. Acesso em: 30 jan. 2026.